

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SAGRADO CORAÇÃO

IMPrensa LOCAL E MOVIMENTO FEMINISTA: A GREVE DAS  
TELEFONISTAS NO JORNAL *COMMERCIO DO JAHU* (1925)

BAURU – SP

2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SAGRADO CORAÇÃO

IMPrensa LOCAL E MOVIMENTO FEMINISTA: A GREVE DAS  
TELEFONISTAS NO JORNAL *COMMERCIO DO JAHU* (1925)

Monografia de Iniciação Científica apresentada  
à Coordenadoria Geral de Extensão do Centro  
Universitário do Sagrado Coração, Bauru/SP.

Orientador: Prof. Dr. Roger Marcelo Martins  
Gomes

Orientando: Mariana Martinez dos Santos

BAURU – SP

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com  
ISBD

S237i

Santos, Mariana Martinez Dos

Imprensa local e movimento feminista: a greve das telefonistas  
no jornal Comercio do Jahu (1925) / Mariana Martinez dos Santos.

-- 2021.

39f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Roger Marcelo Martins Gomes

Monografia (Iniciação Científica em História) - Centro  
Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Movimentos Feministas. 2. Greve das Telefonistas de Jaú. 3.  
Imprensa local. 4. Comercio do Jahu. I. Gomes, Roger Marcelo  
Martins. II. Título.

## RESUMO

No início do século XX, eclodia em Jaú, cidade do interior do Estado de São Paulo, uma das primeiras greves femininas da região por direitos trabalhistas que fora exaustivamente demonstrada pela imprensa local jauense. A presente pesquisa teve como objetivo principal avaliar como o jornal *Commercio do Jahu* retratou em suas páginas a Greve das Telefonistas em 1925. Problema que mereceu ser investigado por oferecer uma importante contribuição à história da imprensa local e, sobretudo, às discussões sobre os movimentos feministas no país. Foi proposto analisar, especificamente, o debate historiográfico acerca do ativismo feminino, fortemente presente nas primeiras décadas do século XX e a sua relação com a Greve das Telefonistas. Efetivamente, foi levantada a materialidade do periódico, os temas por ele apresentados, a categorização e periodização determinada pelo mesmo, a sistematização e a análise dos dados. À priori, sugeriu-se que jornal *Commercio do Jahu* produziu um discurso no qual atrelava a Greve das Telefonistas de Jaú com os movimentos feministas que afloravam no país, o que valeu ser investigado por possíveis contribuições à História Local e a História dos Movimentos Feministas.

**Palavras-chave:** Movimentos Feministas, Greve das Telefonistas de Jaú, Imprensa local, *Commercio do Jahu*.

## ABSTRACT

At the beginning of the 20th century, one of the first female strikes in the region for labor rights broke out in Jaú, a city in the interior of the State of São Paulo, which had been exhaustively demonstrated by the local Jauense press. The main objective of this research was to evaluate how the newspaper *Commercio do Jahu* portrayed in its pages the Strike of Telephone Operators in 1925. A problem that deserved to be investigated for offering an important contribution to the history of the local press and, above all, to the discussions on feminist movements in the country. It was proposed to specifically analyze the historiographical debate about female activism, strongly present in the first decades of the 20th century and its relationship with the Strike of Telephone Operators. Effectively, the materiality of the journal, the themes presented by it, the categorization and periodization determined by it, the systematization and analysis of the data were raised. Primarily, it was suggested that the newspaper *Commercio do Jahu* produced a speech in which it linked the Jaú Telephone Operators Strike with the feminist movements that were emerging in the country, which was worth investigating for possible contributions to Local History and the History of Feminist Movements.

**Keywords:** Feminist Movements, Strike of Telephone Operators in Jaú, Local Press, *Commercio do Jahu*.

Dedicado à cada mulher que semeou em si o espírito de luta.  
Seus frutos estão aqui, fazendo história.

## **AGRADECIMENTOS**

Primordialmente, gostaria de prestar meus agradecimentos à minha mãe, avó e tio, que arduamente conseguiram propiciar condições para que eu pudesse ingressar na vida acadêmica e conquistar meus sonhos, pois ainda que singelos, são cheios de vida. Agradeço por fazer parte de uma família brasileira de estrutura não-tradicional, e com muito orgulho digo que graças à minha “mãe solteira”, sou uma mulher mais forte do que jamais imaginei ser.

Presto minhas gratulações ao meu orientador, Prof. Dr. Roger M. M. Gomes, por toda a atenção e aprendizado que me foi proporcionado durante a produção desse trabalho, bem como sua dedicação e paciência. Por seu mérito desenvolvi afeição pelas fontes periódicas, e permito-me dizer que neste processo, tornou-se uma de minhas referências no que tange o exercício de pesquisador. Agradeço também à reitoria e equipe geral do Centro Universitário do Sagrado Coração, por toda a estrutura e qualidade de ensino fornecida, como também pelo estímulo à pesquisa e à ciência.

Por último e não menos importante, não posso deixar de regraciar as políticas públicas que me colocaram dentro de uma universidade qualificada, assim como alicerçaram meus primeiros passos enquanto pesquisadora. Graças ao ProUni, programa no qual sou beneficiada, pude concretizar uma aspiração distante e impossível dentro de uma realidade estabelecida. Graças à bolsa conquistada com o Projeto de Iniciação Científica, concedida pela UNISAGRADO, atingi meus objetivos ao adentrar no campo das pesquisas científicas, e concluo esta com satisfação e experiência.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1.0 – INTRODUÇÃO .....                                       | 9  |
| 1.1 REVISÃO DE LITERATURA .....                              | 12 |
| 1.2 JUSTIFICATIVA .....                                      | 15 |
| 1.3 OBJETIVOS .....  | 16 |
| 2.0 MATERIAIS E MÉTODOS.....                                 | 17 |
| 2.1 FONTES.....  | 17 |
| 2.2 MÉTODOS.....   | 18 |
| 3.0 RESULTADOS .....   | 20 |
| 3.1 O COMMERCIO DO JAHU .....                                | 20 |
| 3.2 A GREVE DAS TELEFONISTAS DE 1925 .....                   | 23 |
| 3.3 MOVIMENTOS FEMINISTAS E O <i>COMMERCIO DO JAHU</i> ..... | 26 |
| 4.0 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....                           | 28 |
| 4.1 A CIDADE DE JAÚ: POLÍTICA, ECONOMIA E SOCIEDADE.....     | 28 |
| 4.2 O COMMERCIO DO JAHU .....                                | 29 |
| 4.3 A GREVE DAS TELEFONISTAS DE 1925 .....                   | 30 |
| 4.4 MOVIMENTOS FEMINISTAS E O <i>COMMERCIO DO JAHU</i> ..... | 32 |
| 5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                               | 35 |
| FONTES.....  | 37 |
| REFERÊNCIAS.....   | 37 |

## 1.0 – INTRODUÇÃO

O início do Século XX passava por diversas transformações sociais, econômicas e culturais que envolviam o país desde a segunda metade do século XIX. Ocorrem intensos fluxos de mudanças no meio urbano, com a abolição da escravidão e a chegada de levas de imigrantes europeus. O Brasil, nesse momento, buscava o progresso que outras potências haviam alcançado com os avanços tecnológicos, ignorando as diferenças na formação social. NEVES (2003) compreende que “o problema dessa concepção evolucionista e linear da História reside em tratar diferenças como se fossem desigualdades” (p. 10), o que não impediu atritos na vida pública e privada entre as parcelas da população, principalmente reivindicações no campo do trabalho.

Com o processo de industrialização, novos hábitos e práticas de produção e consumo são introduzidos no país (SEVCENKO, 1998. p. 13). A modernização ganhava espaço e alcance, a fotografia, o telefone, o telégrafo e o fonógrafo causaram espanto e maravilha (NEVES, 2003. p. 11). Oliveira (2021) indica a presença inquestionável de imigrantes no espaço da cidade já no primeiro decênio do século XX, e classe operária brasileira, composta em grande parte por eles, desfrutava de ideologias políticas que se disseminavam pelas nações industrializadas europeias, como o anarquismo e o socialismo. Para Sevcenko (1998), o choque entre as classes era inevitável em um Brasil que se modernizava. O ideal republicano segundo este historiador acabou por ignorar toda a complexidade do arranjo social do país naquele momento, o que contribuiu para a uma série de conflitos e movimentos.

É válido ressaltar que o Brasil passava por reformas urbanas seguindo a tendência europeia firmada no higienismo e “regeneração”. Neste processo havia de um lado, uma elite que buscava incessantemente o avanço econômico e, do outro, o alastramento das favelas e a segregação racial, que ganhavam evidência na composição das cidades. Os negros se encontravam inviabilizados de qualquer tipo de progresso, encarando o ilusório avanço que a abolição havia trazido. Assim também se encontravam os imigrantes recém-chegados, que apesar de dominarem os cargos operários das grandes indústrias, eram submetidos a cargas horárias extensas, e salários totalmente indignos. A maioria desses operários eram mulheres e crianças, e é a análise deste contexto do início do Século XX que se propõe esta pesquisa, fazendo a avaliação de uma realidade mais específica, a região de Jaú, no interior do Estado de São Paulo.

Almeida (1998), ao tratar da ascensão do movimento feminista a partir da segunda metade do século XX, menciona um ponto em comum com o momento aqui tratado: a influência da imprensa internacional nos ideais concretizados no país. Com princípios anarquistas e comunistas, o trabalhador era tomado pelos discursos encorajadores que impulsionavam a busca por melhores condições e direitos. Assim ocorriam mobilizações operárias em torno da defesa de seus interesses, utilizando a greve como principal instrumento de luta (ELEUTÉRIO, 2008). Para tensionar ainda mais as relações trabalhador-burguesia, a ausência de uma legislação adequada direcionada ao operário agravava a situação. Leis como a Adolfo Gordo, Lei Infame e a Lei Celerada<sup>1</sup> desfavoreciam a busca por melhores condições de trabalho, e nas vésperas do fim do ciclo da Velha República, quase não existiam leis trabalhistas no Brasil. (GIANNOTTI, 2007, p. 100)

Desta forma, o nosso objetivo principal é analisar a greve das telefonistas em Jaú em 1925 a partir das representações feitas pelo Jornal *Commercio do Jahu*. Mesmo com o crescimento de movimentos operários na década de 1920, apenas na década seguinte houve conquistas definitivas acerca da mulher. É inegável o fato de que as grevistas de Jaú, bem como os demais levantes do período, possam ter precedido a ascensão da luta feminina na região, o que permite verificar o

---

1

Leis antigreves criadas nas primeiras décadas do século XX. Essas leis flexibilizavam a expulsão de imigrantes agitadores ou organizadores de greves, bem como forneciam passe-livre para que ocorresse opressão policial frente à manifestações trabalhistas.

ineditismo deste estudo. No contato com o impresso selecionado, percebeu-se o quanto estas mulheres, mesmo com as situações de humilhação a que elas viviam nas fábricas (RAGO, 1997, p. 608), mantinham forças para lutar por seus direitos.

A última edição do *Commercio do Jahu*, publicada em 5 de maio de 2019, apontava que ele fora “a maior fonte de pesquisa sobre Jaú” (CJ, 2019, p. 18). Sua relevância é evidente, uma vez que podemos encontrar nele as mais diversas temáticas sobre Jaú e Região. Hoje o *Commercio do Jahu* é objeto de pesquisa de duas instituições internacionais, sendo uma na França (não informada pelo periódico) e outra em Michigan – University of Michigan – nos EUA.

Como anteriormente indicado, as referências disponíveis para estudarmos a mulher operária no Brasil do século XX são extremamente escassas. Rago (1997, p. 610) confirma tal obstáculo: “Embora se possa dizer que há um bom número de estudos relativos à história da imigração e da industrialização no Brasil, ainda muito pouco foi feito no sentido de se focalizar a presença feminina no processo”. A mesma autora averigua que a partir da década de 1970, foi especialmente valorizada a “temática do ingresso das mulheres no mercado de trabalho e a denúncia das formas perversas dessa integração.” (1995, p. 82) Assim, torna-se clara a relevância desse estudo na contribuição não apenas a respeito dos movimentos feministas, sejam eles de cunho cívico ou operário, mas também para fomentar o debate acerca de fatos e memória do interior paulista, território de uma valorosa história.

Em suas páginas, o *Commercio do Jahu*, já na década de 20, exibia propagandas direcionadas à mulher, assim como matérias a elas destinadas. Eleutério (2008, p. 87) aponta que “os anúncios iriam atender e estimular o consumo da classe média emergente e da elite, dispostas a folhear as páginas dos periódicos, ávidas por novos produtos trazidos pela industrialização e urbanização.” Vale destacar que nesse período, as matérias já discorriam acerca do movimento feminista juntamente de conquistas femininas.

O foco desta pesquisa é apresentar como o jornal expôs a Greve das Telefonistas de 1925, qual sua opinião, quais os motivos que levaram o impresso a tomar seu ponto de vista. Algumas questões acabaram vindo à tona após o início da análise do periódico: qual era o público feminino dos jornais? Por quem eram consumidos seus anúncios? Como eram vistas e representadas as grevistas? Nossa principal indagação foi a hipótese de que o *Commercio do Jahu*, em suas

edições durante o ano de 1925, apesar de seus comprometimentos políticos e econômicos, apresentava uma aparente posição favorável ao movimento feito pelas operárias jauenses.

Contudo, esta pesquisa empenhou-se em realizar um diálogo entre esses movimentos que circundavam aquele momento na história do país, como também compreender como esses componentes agregavam à questão central a ser trabalhada – uma greve de telefonistas em uma cidade interiorana, partindo da análise de discurso elaborado pelo periódico *Commercio do Jahu*, bem como um estudo acerca da estrutura do jornal, buscando alcançar os motivos que levaram o impresso a manter determinada posição a respeito do movimento.

## 1.1 REVISÃO DE LITERATURA

Para o desenvolvimento e produção deste trabalho, o processo de fichamento bibliográfico foi crucial para alicerçar os debates e possíveis conclusões acerca da greve das telefonistas de 1925, abrangendo um domínio fundamental do contexto socioeconômico e político da cidade de Jaú e do Brasil recém republicano. A imprensa, bem como o movimento feminista e a classe operária – ambos em uma espécie de ebulição naquele período – são tópicos também presentes nos estudos efetuados.

Ao estudarmos a região local e suas conjunturas, foi necessário, à priori, analisar as grandes movimentações que permeavam o país naquele momento, como afirma Silva (2015) acerca dos debates historiográficos sobre a Primeira República e sua importância para a compreensão dos eventos relativos ao período (p. 3). Patto (1999) atesta o fundamento – e os fundadores – da República de modo conciso: “herdeiros de concepções político-filosóficas de cunho evolucionista que naturalizavam o social, intelectuais e militares que fundaram a República defendiam a tese do progresso ordeiro.” (p. 170)

A agitada Era Republicana chega ao povo brasileiro com a ideia de regeneração – não atoa assim nomeado o projeto de Rodrigues Alves – em diversos âmbitos sociais. Oliveira (1990, p.112) destaca as remodelações constantemente realizadas no período, que constituem o elemento central da nova imagem de um país que ansiava por se integrar no mundo civilizado.

O processo de industrialização no território brasileiro a partir do final do século XIX propiciou a chegada de trabalhadores pobres de países europeus (SOUZA & MACHADO, 1997, p. 62) conjuntamente às ideologias que influenciavam os grupos operários. Schwarcz & Starling (2015) assinalam cerca de 400 greves organizadas em torno da luta por melhores condições de trabalho e de vida entre 1900 e 1920 (p. 336). O movimento grevista se alastrou, e atingiu o interior do Estado e a capital da República (SOUZA & MACHADO, 1997, p. 70).

Desse modo, afunilamos o campo de estudos para a cidade de Jaú. A obra de Souza (2011), apesar de ter seu enfoque fora da área de humanidades, garantiu informações relevantes para a compreensão do estilo de vida dos jauenses ao longo da história do município. Oliveira (1999) também forneceu considerável aporte para a pesquisa, bem como utilizou das fontes periódicas em seu trabalho: “é notório que o aparecimento desses jornais (...) estão vinculados aos interesses dos grupos políticos locais” (p. 4). Nossa fonte de pesquisa requer o devido embasamento ao ser trabalhada.

O *Commercio do Jahu*, um dos mais antigos impressos da região, com mais de 110 anos de duração, divulgou acontecimentos regionais, nacionais e mundiais, relatou e se envolveu em calorosos momentos com os conflitos políticos locais. Cohen (2013, p. 103) assinala que as raízes políticas da atividade jornalística se constituíram sempre a partir de grupos de interesse, que viam na imprensa um meio de propagação de suas ideias e aspirações. Pena (2018) identifica dois polos dentro do campo jornalístico, no qual o primeiro é o ideológico, onde o jornalismo é concebido como um serviço público; o segundo é o econômico, que considera a notícia um produto comercial (p. 214). Para nos dar estrutura adequada a essa parte da pesquisa, utilizamos a obra de Chaves (1996), que várias vezes cita as tensões entre o *Commercio do Jahu* e o poder político local.

Tratando-se da figura feminina em meados do século XX, como indica Giuliani (1997, p. 675), a cidadania social restringe-se aos homens e a emancipação limita-se às paredes das grandes empresas. VENANCIO (2001) é capaz de contextualizar de modo sucinto a ascensão do movimento feminista, inclusive na classe trabalhadora, “se durante os anos 20, a pressão do movimento operário diminuiu em função da repressão, a luta pela regulamentação do trabalho feminino continuou ganhando cada vez mais força.” (p. 189)

Ainda que o predomínio no cenário trabalhista desta fase fosse de mulheres,

essas “trabalhadoras nem são reconhecidas como parte da população economicamente ativa” (GIULANI, 1997, p. 675). Os primeiros indícios de emancipação concretos também surgem nesse período. Contando com figuras como a advogada e bióloga Bertha Lutz, que se tornariam marcantes na história do feminismo brasileiro, eventos como o 1º Congresso Internacional Feminino, em 1922, dariam firmamento para futuras conquistas se efetuaem. É cabível mencionar que neste mesmo ano, episódios como a Semana da Arte Moderna e a fundação do Partido Comunista Brasileiro revelavam um movimento plural que respondia à entrada de uma nova linguagem e visão no Brasil (SCHWARCZ & STARLING, 2015, p. 338)

Hahner menciona que movimentos como o das sufragistas, por exemplo, eram compostos de mulheres “de classe média por direitos políticos”, sendo muitas delas “graduadas em direito” (1976, p. 99). Todavia, a noção de cidadania para as mulheres também englobava tópicos como a igualdade salarial e proibição do trabalho noturno (FRACCARO, 2016, p. 68), e isso implica que os levantes femininos ocorriam em diversas extensões do ambiente público. Para salientar essa questão, é pertinente mencionar a professora e escritora Maria Lacerda de Moura, que além de fundar a Federação Internacional Feminina em 1921, também realizava palestras tanto nos meios intelectuais como nos círculos operários da época (SCHMIDT, 1998, p. 1462). Apesar de opiniões adversas sobre os movimentos feministas:

As mulheres que atuavam no movimento operário reivindicavam questões trabalhistas, de forma mais ampla e geral do que a Federação. Chegavam a criticar o movimento liderado por Bertha, considerando o voto insuficiente para a conquista de maior dignidade pelas mulheres que, na sua concepção, estavam dominadas pelos homens. (COELHO e BATISTA, 2009, p. 90).

Foi nesse contexto de conflitos e grupos emancipatórios femininos que floresceram diversos avanços posteriores, como o II Congresso Internacional Feminista, que ocorreu no Rio de Janeiro em 1931. O evento, segundo Hahner (1976) foi realizado por insistência de várias representantes estaduais da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino – esta, fundada por Lutz – e abordava diversas questões trabalhistas, desde salários igualitários à requisição de licença para mulheres grávidas.

Outra questão importante a se relatar são os estudos realizados pelos médicos das primeiras décadas do século XX, que destinaram grande parte de seu trabalho à preservação do corpo das operárias. Estabeleceram parâmetros do que seriam atividades mais apropriadas para as mulheres, biológica e moralmente consideradas adequadas, aconselhando o trabalho de telefonista, por exemplo, levando em conta que as trabalhadoras eram mais sedentárias e conformadas. (RAGO, 1994, p.227).

Em síntese, a relação entre os movimentos femininos e os discursos proliferados por periódicos podem vir a gerar diversas reflexões e debates, pois como afirmam Siqueira & Boarini (2018), a

Militância da mulher, bem como a efervescência das tendências burguesas em mantê-la no espaço privado, não passavam despercebidas pela imprensa comum, sobretudo pela imprensa operária e científica, embora estas fossem constituídas majoritariamente por homens. (p. 1003)

## 1.2 JUSTIFICATIVA

É indiscutível a relevância desta pesquisa no que tange a história da imprensa local, bem como a história do feminismo e da mulher no campo do trabalho. O jornal *Commercio do Jahu*, um dos mais antigos do Estado de São Paulo, apresenta inadmissivelmente poucos estudos acerca de sua memória e matérias publicadas, dignas de atenção não só pela história regional, como também o diálogo que se dava entre o interior e o contexto nacional e mundial.

Outra questão a ser abordada é a mulher operária em meados do século XX. Como já mencionado nas linhas acima, a história da mulher possui certa carência quando procuramos abordar a questão trabalhista nesse período, principalmente se delimitarmos à região interiorana paulista. Como menciona Teles (1993, p. 42), “lutavam juntamente com os homens, embora suas conquistas fossem sempre menores”. Destarte, as ligações efetuadas entre os diversos levantes femininos da década de 20 e a Greve das Telefonistas de Jaú, fomentam novos debates historiográficos acerca da mulher e dos movimentos feministas.

Por fim, mas não menos importante, esta pesquisa tem a intenção de reavivar e valorizar a história local, bem como instigar o cidadão pertencente ao interior a buscar conhecer suas raízes, e estimular novas pesquisas acadêmicas que se refiram à cidade de Jaú e aos nossos periódicos. Após a coleta de dados e estudos de análise sobre a greve, entende-se a importância que o movimento teve para a história do operariado, das mulheres, e enfaticamente para a história de Jaú, sendo referência, naquele período, no serviço de telefonia.

### 1.3 OBJETIVOS

Analisar como a Greve das telefonistas foi representada no Jornal *Commercio do Jahu* no ano de 1925.

1. Apresentar o debate historiográfico sobre os movimentos feministas no início do século XX, sejam eles direcionados aos direitos civis, trabalhistas ou sociais;
2. Identificar a estrutura do Jornal *Commercio do Jahu*, bem como sua materialidade, funções sociais, organização estética, entre outros aspectos;
3. Avaliar a relação que o Jornal *Commercio do Jahu* fez sobre a Greve das Telefonistas no ano de 1925 com os movimentos feministas do início do século XX.

## 2.0 MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo se insere no âmbito de pesquisas qualitativas, levando em conta a análise dos impressos do *Commercio do Jahu* no ano de 1925. Para isso, será levado em consideração o alicerce metodológico necessário para a análise do periódico como fonte. O passo inicial, como afirma Luca (2008), é abordar a fonte em seus contextos socioculturais específicos, uma vez que esta não se constitui em um objeto único e isolado. A partir daí, juntamente com um sustentáculo historiográfico, daremos forma a esta pesquisa.

### 2.1 FONTES

O jornal *Commercio do Jahu* passou a ter sua periodicidade diária a partir de 4 de dezembro de 1923. Numa análise inicial, pode-se averiguar que é neste mesmo período que se dá início às divisões do impresso por seções, como diversão e editais. Nessa mesma fase, observa-se propagandas em grande quantidade, havendo páginas inteiras direcionadas a elas. Atualmente, esses periódicos se encontram no Arquivo do Museu Municipal de Jahu, e no Arquivo Histórico Dr. Raul Bauab, que funciona junto à biblioteca da Fundação Educacional Dr. Raul Bauab. Suas dimensões apresentam-se, em média, 35 cm de largura e 50 cm de altura.

O *Commercio do Jahu* foi fundado em 31/07/1908, e sua última edição, de nº 30.885, foi publicada em 5 de maio de 2019. Apesar das diversas páginas voltadas às propagandas, não é possível afirmar se o impresso possuía patrocinadores diretos. O diretor do periódico naquele momento era Octacilio Gomes, e sua figura e de sua equipe editorial naquele momento também são parte do contexto em que a cidade se encontrava. O diário está entre os 20 jornais centenários do Brasil, e sua carreira abrange diversos fatos históricos, nos quais vale a pena debruçar-se a analisá-los.

Luca (2008, p. 139) afirma que “o historiador (...) dispõe de ferramentas provenientes da análise do discurso que problematizam a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento”. Tais orientações metodológicas foram fundamentais e indispensáveis para o sucesso da abordagem e análise do periódico.

## 2.2 MÉTODOS

Para a realização de um trabalho que emprega periódicos como fonte, Luca (2008) aponta múltiplos aspectos nos quais o historiador deve se atentar para a análise do documento, entre eles, notar as motivações que levaram o impresso a destacar ou relatar determinado fato, examinar os discursos, bem como o público que se busca atingir. Esse caminho foi feito para compreender a Greve das Telefonistas no *Commercio do Jahu* no ano de 1925.

Compreender o sistema de organização das matérias e prioridades da equipe de elaboração e produção é essencial. Como ressalta Sodré (1966), deve-se analisar o periódico não apenas em aspectos políticos, mas também técnicos e editoriais. Luca (2008) afirma a importância de:

se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos... inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros. (LUCA, 2008, p.140)

Uma etapa consideravelmente trabalhosa, tendo em vista a escassez de documentos que podem mostrar informações sobre os nomes dos colaboradores e responsáveis pelo *Commercio do Jahu*. Se mostrou necessário, nesta fase, “recorrer a outras fontes de informação para dar conta do processo que envolveu a organização, o lançamento e a manutenção do periódico”. (LUCA, 2008, p. 141)

Seguindo tais orientações, partimos para um momento extremamente prático – analisar minuciosamente o periódico proposto. No caso deste trabalho, foram abordadas as edições do segundo semestre de 1925 do *Commercio do Jahu*, avaliando prováveis fatores que precederam a Greve das Telefonistas, como se deu a repercussão deste fato, qual sua conclusão e opinião do jornal, e quais os efeitos posteriores.

Com esta parte concluída, a pesquisa encaminhou-se para a categorização do material. Carlomagno e Rocha (2016, p. 184) apresentam-nos de maneira dinâmica, meios para efetuar essa categorização: colocar limites específicos para classificar o material, tornar cada categoria exclusiva, homogênea, que não permita conteúdos excluídos, e que as faça de maneira objetiva.

Finalizada esta etapa, coube redistribuir as temáticas que abrangem cada categoria, levando em conta o objetivo principal da pesquisa, salientando o que há de maior relevância para a escrita final da mesma. Segundo Luca (2008, p. 122):

Estudos dessa natureza, que exigem larga pesquisa, domínio de ampla bibliografia e rigor conceitual são fundamentais não só pelos dados que inventariam e organizam, mas pelo muito que sugerem e ensinam acerca dos procedimentos teórico-metodológicos adotados no tratamento das fontes.

Enfim, foi concebível o exame de todas as matérias referentes à greve das telefonistas, bem como tópicos que tratam de emancipação feminina, conquistas e avanços do movimento feminista. Houve também a investigação acerca do contexto histórico da fundação do periódico, suas causas e consequências e enredos políticos que permeavam a cidade interiorana naquele ano. Com os resultados já alcançados, nos resta refletir acerca das considerações e discussões obtidas.

### 3.0 RESULTADOS

Em consonância com o cronograma e os objetivos da presente pesquisa, foram concluídas todas as etapas, sendo elas: reuniões e participação com o grupo de pesquisas, catalogação e fichamento bibliográfico para fundamentar o trabalho, e coleta de dados relevantes no periódico, que agregaram aos objetivos da pesquisa. Foram revisadas todas as edições do *Commercio do Jahu* no que tange o ano de 1925. Finalmente, cabe agora a organização e análise geral dos dados recolhidos para fins das considerações finais e discussões acerca dos resultados.

Elaborado com o intuito de investigar as relações presentes entre a greve das telefonistas e os movimentos de cunho feminino – e feminista – além de adentrar com maior afinco no contexto externo da cidade de Jaú naquele período, assim como a instauração do jornal, com esse estudo chegamos a diversas reflexões e possibilidades.

#### 3.1 O COMMERCIO DO JAHU

Como base fundamental desta pesquisa, compreender o enredo por trás da estrutura do jornal, bem como analisar sua formatação e organizar as principais informações recolhidas se mostram necessárias. Conforme Zicman (1985, p. 89), tratando da pesquisa pautada na imprensa brasileira, afirma que o principal problema enfrentado são os próprios limites impostos pela quantidade limitada de dados e pela falta de fontes estatísticas.

Essas dificuldades também foram encontradas ao decorrer do presente trabalho, agravado principalmente pela pandemia, que por meses nos impediu de ter acesso à dados do periódico, que só seriam possíveis de recolher nos arquivos físicos do Museu de Jahu. Contudo, o tabelamento do jornal não ficará como planejado, mas graças ao empenho de pessoas que apoiam a pesquisa e a história, muitas informações foram compiladas para obtermos bons resultados. Abaixo, mostra-se tais informações:

Tabela 1 – Informações e estrutura do jornal.

|                           |                          |
|---------------------------|--------------------------|
| <b>Direção</b>            | Octacílio Gomes          |
| <b>Edições analisadas</b> | Julho a dezembro de 1925 |

|  |  |
|--|--|
| <b>Periodização</b>                        | Diariamente  |
| <b>Organização</b>                         | Aparentemente, o jornal não separava as propagandas e as manchetes. Desde a primeira página, pode-se observar notícias em destaque, publicidade, notas e notícias e, claro, provocações políticas, como se vê na imagem 1, logo abaixo da tabela, com a seção “pirolitos”, que continham poemas sobre casos políticos locais. Havia também sessões como a religiosa, editais e diversão, crônica social, notas esportivas, e até mesmo uma seção livre para assuntos em geral. |
| <b>Propagandas frequentes no periódico</b> | Anúncios de consultórios de dentistas, médicos em geral, medicamentos e loções ou xaropes medicinais, advogados, empresas cinematográficas e teatrais, comissários e exportadores de café de Santos, materiais de construção como telhas e cal virgem, bancos, etc.  |

Fonte: elaborada pela autora

Além das provocações feitas através do impresso, podemos supor certa relação entre as matérias acerca da greve das telefonistas e movimento feminista com as propagandas que circundam esse tipo de manchete. A indagação que se faz aqui é sobre esse tipo de leitura ser relacionado aos interesses da mulher naquele período, pois ao lado dessas manchetes, nota-se a presença de anúncios de pediatras, parteiros, suplementos para crianças, moda feminina, entre outros. Mesmo que seja apenas uma hipótese, com base nessas informações podemos afirmar, ao menos, que as mulheres faziam parte do público leitor do *Commercio do Jahu*.

Imagem 1 – Seção Pirolitos e provocações políticas





Fonte: Comercio do Jahu, 04 de out. de 1925, p. 04

Vasconcelos, Fialho & Machado (2017) afirmam que

a propaganda, mergulhada no seu contexto histórico e cultural, aproveitasse de um ideal partilhado socialmente (...) consolidava um padrão comportamental historicamente elaborado para o sexo feminino (p. 459).

Não se pode concluir, obviamente, a relação entre as manchetes acerca de um movimento exclusivamente efetivado por mulheres e as propagandas provavelmente indicadas ao público feminino. No entanto, é pertinente refletirmos sobre a possível existência de elos de interesse dentro desses tópicos por parte das leitoras do *Comercio do Jahu*.

### 3.2 A GREVE DAS TELEFONISTAS DE 1925

Adentrando o enfoque da pesquisa, dispusemos das principais informações dos artigos sobre a greve na tabela a seguir, pontuando o discurso elaborado pelo *Comercio* em cada uma das matérias sobre o movimento.

Tabela 2 – Matérias sobre a greve.

|   |  |
|---|--|
| <p><b>As telephonistas de Jahu em greve</b><br/><b>02/10/1925</b></p> | <p>A notícia foi amplamente abordada e discutida, colocando em pauta a opinião pública e da redação do impresso. O jornal demonstra apoio ao movimento, assim como a população em geral. Logo no subtítulo do artigo, relata-se que “A causa das operosas auxiliares da Telephonica é justa – são ridículos os ordenados feitos pela poderosa companhia”</p> |
| <p><b>As telephonistas de Jahu em greve</b><br/><b>03/10/1925</b></p> | <p>O segundo artigo sobre o caso relata a chegada de telefonistas de São Paulo para a normalização do serviço. A matéria também trata do receio por parte da Companhia Telefônica de perder a autoridade diante da greve, que foi nomeada como “movimento”.</p>  |
| <p><b>As telephonistas de Jahu em greve</b><br/><b>05/10/1925</b></p> | <p>Nesta matéria, o Comercio narra a omissão por parte da Companhia em relação às providencias que seriam tomadas, bem como apresenta a versão de Querino dos Santos, chefe do tráfego da Companhia, que alegou precipitação por parte das trabalhadoras. Contudo, o jornal abriu espaço para as grevistas, para que apresentassem seu relato também.</p>    |
| <p><b>As telephonistas de Jahu em greve</b><br/><b>07/10/1925</b></p> | <p>Com alguns dias em greve e sem propostas de acordo, a Companhia Telefônica acaba encabeçando o movimento, acusando 5 das 17 mulheres, sendo estas as que melhor ganhavam dentro da empresa. O</p>   |

|   |  |
|---|--|
|   | Commercio indaga que a Companhia acabou lucrando com a greve.  |
| <b>As telephonistas de Jahu em greve<br/>09/10/1925</b> | No penúltimo artigo sobre a greve, afirma-se que o caso está quase resolvido, ainda que a empresa não tivesse informado até o momento sobre as medidas que seriam adotadas para entrar em acordo   |
| <b>As telephonistas de Jahu em greve<br/>10/10/1925</b> | No último artigo sobre a greve, publicado um dia após o fim definitivo da greve, ressalta a opinião de que a Companhia forçou o “encabeçamento” do movimento, para fins lucrativos e demonstrações de autoridade simultaneamente. Ademais, citaram o impresso “Jornal do Brasil”, que por sua vez, salientou ser esta greve o “primeiro movimento feminino nesse gênero”, por questões salariais. Como se pode notar na imagem 4, o caso ganhou repercussões em outros periódicos. |

Imagem 4 – manchete retirada do jornal Folha da Manhã sobre a greve.



Fonte: Folha da Manhã, 10 de out. de 1925, p. 05

### 3.3 MOVIMENTOS FEMINISTAS E O COMMERCIO DO JAHU

A partir da coleta dessas informações e análise da relevância de tal acontecimento para outros movimentos, bem como para a história em si, é cabível averiguar artigos e manchetes que se relacionam com as mudanças da mulher nas estruturas sociais e públicas. Naquele mesmo período o movimento sufragista ascendia, e a Semana da Arte Moderna em 1922 – bem como a fundação do Partido Comunista no Brasil, no mesmo ano – iniciaram um “marcante salto cultural” (TELES, 1993, p. 44). Desse modo, temas voltados à emancipação da mulher vieram à tona, e o Comercio do Jahu também nos fornece algumas publicações interessantes.

|   |   |
|---|---|
| <p><b>Conquistas feministas</b><br/><b>Segundo semestre de 1925</b></p> | <p>Trata, inicialmente, da sociedade brasileira naquele momento como um povo avançado em relação ao feminismo, citando o florescer do</p> |
|---|---|

|  |   |
|--|---|
|  | <p>movimento sufragista e a conquista das trabalhadoras, que aos poucos conseguiam adquirir o direito do exercício de determinados ofícios. Enfatizava-se também que os homens faziam parte do feminismo.</p>   |
| <p><b>A mulher norte-americana</b><br/><b>Segundo semestre de 1925</b></p> | <p>A manchete, direta e objetiva, retrata nada mais que a perspectiva que se construiu sobre a mulher norte-americana. Vista como um ideal, essa mulher era dedicada aos cuidados do corpo, mas não se vulgarizava ou se arrumava em excesso. Eram capazes de se dedicar ao trabalho, à casa, e ainda elevar-se diante do patriarcado, colocando o homem como quem lhe serve.</p> |
| <p><b>O voto feminino</b><br/><b>Segundo semestre de 1925</b></p>          | <p>O pequeno artigo informa sobre a realização da primeira conferência das seções cívicas organizada pela Federação Brasileira do Progresso Feminino, acerca dos “direitos políticos da mulher nas democracias modernas”.</p>   |
| <p><b>O feminismo no Brasil</b><br/><b>05/07/1925</b></p>                  | <p>Pauta significativa e inegavelmente importante para a história da mulher brasileira, o <i>Commercio</i> aborda o avanço progressivo das mulheres no âmbito público, assim como suas conquistas. Bertha Lutz é a protagonista desse artigo, informando sua nomeação à presidência da União Interamericana das mulheres.</p>   |

## 4.0 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 A CIDADE DE JAÚ: POLÍTICA, ECONOMIA E SOCIEDADE

Fundada em 1853 no dia 15 de agosto, Jaú – originalmente escrita “Jahu” – teve seu desenvolvimento baseado na cafeicultura, e sua sociedade formada, principalmente, por uma aristocracia agrária (SOUZA, 2011, p. 12), desenvolveu a cidade baseada no tradicionalismo e na busca do modelo urbano europeu. O café ainda fazia parte do sustentáculo do progresso local ao fim do século XIX, juntamente às estradas de ferro e a imigração. Os diversos embates e disputas no cenário político, pautado na dissidência das principais linhagens, faz parte incontestavelmente da história da cidade.

Com a queda da monarquia e as mudanças no início da república brasileira, a política local começa a sentir tais impactos a partir das transições políticas estaduais em 1906, com a presidência do Estado de São Paulo assumida por Jorge Tibiriçá (OLIVEIRA, 1999, p. 91). O governo estadual estava interessado em um modelo político unificado, ignorando maiores desavenças partidárias; com os blocos jauenses cientes de que isso não seria viável, deu-se início a intensos conflitos entre Vicentistas e Carvalhistas – e Vicente de Almeida Prado conseguiu a vitória. Contudo, esse seria apenas um novo episódio de disputas e rivalidades das principais famílias locais.

A cidade de Jaú, quase vinte anos depois, vivia uma batalha política entre os mesmos dois grupos partidários. Como indica Chaves (1996), o “Comércio” em 1925 circulava sob censura e ainda assim, fazia diversas críticas ácidas aos governantes locais, bem como às empresas que carregavam prestígio e autoridade no cenário do interior. Há, inclusive, menções no registro de supostos ataques a sede do jornal neste período, como também em março do mesmo ano, um pedido de prisão a Octacilio Gomes, que havia tomado recentemente a direção do *Commercio do Jahu*.

Interessante mencionar que, apesar do *Commercio do Jahu* ter sido criado apenas em 1908, alguns periódicos circularam pela cidade anteriormente, como aponta Sebastião Teixeira em sua obra “O Jahu em 1900”. Os impressos *O Pequeno Impresso* e *A Luz* – ambos redigidos por Teixeira – tiveram apenas três edições. *O Despertador* – um periódico semanal, distribuído aos domingos – durou

três ou quatro meses. Houve também *O Jahuense*, igualmente de pouca duração, assim como a reforma d' *O Despertador* e o *Cidade do Jahu*. (1900, p. 98) Todos esses periódicos foram produzidos e extinguidos em aproximadamente três anos.

Mais alguns jornais foram criados para atender à cidade, mas praticamente todos tiveram vida curta – e conseqüentemente, pouca história. Vale a pena destacar, assim como Teixeira o fez, o jornal *Correio do Jahu*, fundado em 1895 por Joaquim Augusto Viegas, que teve duração considerável comparado aos outros impressos, e bem como o *Commercio do Jahu*, tinha sua participação e relevância nos embates políticos locais.

#### 4.2 O COMMERCIO DO JAHU

O *Commercio do Jahu* foi fundado por Gumercindo e Álvaro Floret, sob incentivo de Vicente Prado, herdeiro de uma das duas principais linhagens da cidade, em 31 de julho de 1908 (CHAVES, 2006, p. 94). A cidade era dominada, fosse pelos cargos políticos ou pelos coronéis, por famílias pioneiras que acabaram se consolidando e fortalecendo-se pelas alianças e poder local contínuo. No mesmo ano, a rivalidade entre carvalhistas e vicentistas<sup>2</sup> se acirra com as eleições, e o periódico tem papel fundamental na campanha vicentista. Após dez anos no poder, o polo vicentista acaba perdendo forças, assim como o *Commercio* pela constante falta de papel que se deve à 1ª Guerra Mundial e à gripe espanhola. Ainda assim, o impresso não é extinguido, e seria de valiosa relevância nos jogos políticos que estariam por vir.

Em 1923, o periódico é vendido para Rubens do Amaral e Octacílio Gomes, e no ano seguinte os carvalhistas tomam o poder pelas eleições. Sob o pretexto de um movimento rebelde liderado pelo Partido Republicano – integrado por seus principais rivais – o governo atuante acusa o grupo vicentista e uma série de prisões ocorrem. O *Commercio do Jahu* afirma que os carvalhistas estariam indicando à Secretaria de Justiça do Estado, os nomes dos que deveriam ser presos (CHAVES, 2006, p. 128). Na mesma noite, os dois diretores vigentes são atacados e levados

---

<sup>2</sup>

Carvalhismo e Vicentismo foram termos criados para referenciar os polos políticos de Jaú. Seus principais expoentes eram o advogado Vicente de Paula Almeida Prado e o médico Antonio Pereira do Amaral Carvalho.

sob custódia. É nesse ambiente de terror que o periódico se torna objeto desta pesquisa.

Com a saída de Rubens do Amaral da diretoria do jornal, as tensões entre a edição e Hilário Freire – ex-líder governista da Assembleia, reeleito deputado estadual – resultam em um processo contra o *Commercio* em setembro de 1925. O impresso e Hilário Freire – que articulava o carvalhismo junto a Amaral Carvalho – estavam em constante troca de ataques, que se fortaleceram com uma denúncia feita pelo procurador da República Oswaldo Chateaubriand em julho, que acusava o político de ter “orientado o prefeito de Pederneiras, Benjamin Monteiro da Silva, a não abrir as portas da Câmara para a instalação das mesas eleitorais para o pleito de 25 de abril passado” (CHAVES, 2006, p. 137). Em outubro daquele mesmo ano, 17 telefonistas entrariam em greve e abalariam as estruturas da cidade.

#### 4.3 A GREVE DAS TELEFONISTAS DE 1925

A greve das telefonistas ocupou as manchetes do *Commercio do Jahu* seis vezes, algumas delas apoderando-se de boa parte da página, ganhando destaque do acompanhamento da mídia. Logo na primeira notícia acerca do ocorrido, o impresso fornece um quadro amplo de informações, abarcando inclusive o posicionamento da edição e da população: ambos favoráveis ao movimento, que foi gerado pelo pedido de aumento de salário por parte das trabalhadoras no dia 09 de setembro, e imediatamente negado. Na mesma matéria, comenta-se que a crise vem gerando desavenças em muitas classes operárias, e que mesmo sendo indispensável o serviço de comunicação telefônica, as profissionais receberam apoio praticamente unânime. É válido comentar um excerto do impresso no qual o redator faz uma comparação lastimável referente às trabalhadoras femininas, alegando que “não se justifica a uma telefonista o ordenado de 70 e 80 mil reis, quando qualquer copeira ou pajem, hoje, exige pelo seu trabalho quantia igual e até mesmo superior.” (JC, 1925, 02 out.)

Esse tipo de comentário coloca em evidência não apenas a desvalorização de ofícios como os citados acima, mas também confirma o que fora mencionado na introdução deste trabalho em relação às recomendações dos médicos higienistas no molde do perfil da trabalhadora ideal.

No segundo artigo sobre a greve, o jornal já faz uso do termo “movimento”, colocando o fato como um ato de reivindicação e rebeldia. A Companhia Telefônica estava em conflito com as grevistas, acabam trazendo algumas telefonistas da capital para suprir a demanda do serviço, mas sem sucesso, tendo em vista a falta de costume com a lista de contatos. A Companhia havia decidido, ainda, não revelar publicamente suas decisões, afins de não perder a autoridade – aqui, pode-se cogitar tal tensão, devido ao recente histórico de movimentos trabalhistas, somados à ascensão dos princípios feministas, que afrontavam a autoridade patriarcal e as hierarquias estabelecidas pelo sistema.

No terceiro artigo, vê-se a continuidade do sigilo imposto pela Companhia, sendo válido enfatizar a manipulação por meio do discurso, proferido pelo chefe do tráfego da Companhia, Querino dos Santos. Ele alegava que “houve precipitação por parte das moças”, e elas, por sua vez, já haviam declarado que no mesmo dia que solicitaram o aumento salarial, a resposta negativa já havia sido dada.

Na quarta matéria sobre o movimento, o subtítulo do *Commercio do Jahu* já expõe os injustos métodos adotados pela empresa para, simultaneamente, atender ao pedido das telefonistas e enfraquecer qualquer ideia – presente ou futura – de movimentos trabalhistas. “Como a gananciosa empresa resolve a questão sem prejuízo para os seus cofres!”, destaca o jornal (JC, 1925, 07 out.). Desde o início da greve, foi deixado claro que o movimento era unanime e coletivo; o que não impediu a Companhia de manipular a revolta, culpando cinco das dezessete mulheres integrantes. Numa jogada engenhosa, as cinco acusadas foram dispensadas – coincidentemente, as cinco mais bem remuneradas – e seriam substituídas por aprendizes que não ganhariam mais de 60 mil réis.

Após reuniões e desavenças, as trabalhadoras restantes acabaram voltando ao trabalho. Conquistaram o que haviam solicitado, entretanto, nem todas saíram “ílesas”. O quinto excerto contou apenas com rasas informações, apresentando tal desfecho com certo desânimo diante das injustiças acometidas contra as trabalhadoras. A última matéria sobre o caso, publicada um dia depois, volta a enfatizar a demissão injusta das funcionárias. O próprio *Commercio* aponta que as acusações foram arranjadas, pois “o prestígio de autoridade da Companhia não pode sair arranhada da questão, e daí a necessidade de se descobrirem de qualquer modo, cinco rebeldes que talvez não o sejam” (JC, 1925, 09 out.). Presumivelmente, a justiça não interveio nessa questão, pois como já mencionado

no discorrer desta pesquisa, a legislação a favor do trabalhador era extremamente falha e escassa.

#### 4.4 MOVIMENTOS FEMINISTAS E O *COMMERCIO DO JAHU*

Foi possível também, através da catalogação de dados do periódico, analisar algumas matérias elaboradas nesse mesmo ano. Uma delas, de julho, tinha como título “O feminismo no Brasil”, e dissertava sobre os feitos de Bertha Lutz e sua participação na convenção da Liga de Eleitoras. Nesse período, o crescimento da luta pelos direitos da mulher cívica ganhava a atenção da mídia, e apesar de um tanto elitista, seu discurso e ideais chegavam à outras camadas, como aponta o *Comercio*: “Os fins da União Inter Americana de Mulheres abrangem a educação e instrução femininas, a assistência às mães e à infância, a proteção dos interesses das mulheres que trabalham, a organização dos esforços femininos (...)” (JC, 1925, 05 jul.)

Assim, vemos que aos poucos a temática foi ganhando espaço para ser discutida, ainda que necessariamente vindo das classes mais altas, e dando voz a mulheres pertencentes à academia ou em posições elitistas. Outro artigo publicado pelo periódico ainda no segundo semestre de 1925, nomeado “Conquistas feministas”, tem como primeira frase “os nossos feministas...”, salientando que o movimento é igualmente dos homens como das mulheres, sendo comentado, inclusive, que “também há homens feministas no sentido restrito do vocábulo, porque no absoluto todos são”. Afirma-se ainda que o Brasil não está atrasado na questão do feminismo, reforçando as recentes conquistas da mulher, que naquele momento, havia ganhado o direito de exercer o cargo de escrivão público e permitindo sua atuação como testemunha.

A partir desse fragmento, podemos compreender como a sociedade desenhava o movimento, indicando, por exemplo, o direito de exercer um ofício uma grande conquista, colocando os brasileiros ao mesmo patamar de outras nações mais “avançadas”. Ademais, analisando internamente a relação entre a sociedade letrada – ou o público leitor – e o feminismo, percebe-se uma certa receptividade, levando em conta o período estudado. É conveniente salientar que a ideia de “feminismo” nos primeiros anos do Brasil republicano é

consideravelmente diferente da atual, como indicam Rodrigues & Silva (2014, p. 210):

Tal noção permeia os argumentos utilizados por mulheres que conseguiram expressar seus pontos de vista em um período em que a maioria da sociedade defendia a participação da mulher de maneira limitada à esfera privada.

Apesar dos discursos que impulsionavam a ascensão da mulher, não há registros de mulheres participando de maneira ativa na produção textual do periódico. Imagens, inclusive, analisadas na obra de Chaves (2006), nos mostram uma equipe homogênea: nove homens brancos e trajados com boas vestimentas. Ao que tudo indica, o feminismo havia alcançado os destaques dos jornais, mas tinha suas limitações sociais.

O voto feminino também foi tema das manchetes do impresso. O artigo trata da primeira conferência das seções cívicas, patrocinada pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e realizada pelo deputado Juvenal Lamartine, com o intuito de debater os direitos políticos da mulher naquele momento. Um ponto que chama a atenção no fragmento é que um dos tópicos a serem averiguados é a capacidade intelectual das mulheres. Apesar do conferencista investir em argumentos históricos, apresentando grandes figuras femininas intelectuais, a ideia de inferioridade cognitiva de pessoas do sexo feminino ainda se mostrava enraizada no teor ideológico da sociedade.

Mesmo assim, foi esse um dos primeiros passos significativos para que esse direito fosse conquistado, praticamente uma década depois. Cabe mencionar um pequeno trecho do *Commercio do Jahu*, que afirma a necessidade de preparar o espírito da mulher para receber tal concessão. Ressalva, ainda, que o “ponto essencial é esclarecer, educar, orientar a sua inteligência e patriotismo para obter tão elevada investidura” (JC, 1925, 2º sem.). Mais uma vez, o intelecto feminino é questionável e primitivo na visão geral da sociedade, exibindo a carência de um “referencial masculino” para se tornar uma cidadã crítica e ativa. Ademais, os homens feministas de 1925 pareciam um tanto restringidos às ideias do movimento.

Há também um artigo de título conciso, “A mulher norte-americana”, que avalia o poder desta figura, elencando diversos pontos que fazem delas, ideais para a mulher brasileira, “foi ela, inegavelmente, que deu ao mundo o melhor exemplo de mulher moderna (...)” (JC, 1925, 2º sem.). Finalizam o texto, ainda, afirmando a

influência da mulher norte-americana sob as demais mulheres, que tomaram como exemplo sua luta e independência.

Por fim, cabe agora estimular algumas reflexões. O principal objetivo deste trabalho, como muito bem enfatizado anteriormente, consiste em avaliar como foi retratada a greve das telefonistas pelo periódico *Commercio do Jahu*, bem como as relações entre o feminismo do início do século XX e a greve acima relatada. Até o presente momento da pesquisa, podemos compreender que essa relação, ainda que subjetiva – afinal, um século depois e ainda há preconceitos que minam a luta pela emancipação da mulher – existe, de fato. Tomadas pelas influências da imprensa europeia de cunho ideológico, dos ideais que aqui chegaram junto aos imigrantes, e das recentes manifestações, ainda que discretas, das sufragistas e mulheres políticas, as telefonistas, diante da indiferença de seus superiores, investiram num método infalível: a greve.

Com a força do coletivo e investindo na imprensa local, elas resistiram mesmo sob as falsas acusações de terem se precipitado e o sigilo antiético de sua coordenação. Além de as deixarem sem qualquer informação sobre seu próprio salário, parte delas teve um desfecho injusto. É cabível confirmar que essas mulheres deixaram sua colaboração para que futuramente, leis para e por elas fossem consolidadas. O *Commercio*, inclusive, aponta que o Jornal do Brasil salienta que nosso país é daqueles que “não medram as greves, e registra como o primeiro movimento feminino nesse gênero o que acaba de verificar-se em Jahu (...)” (JC, 1925, 10 out.).

Fica claro, dessa maneira, de onde vem as raízes da greve, que se soma ao contexto municipal e a crise política que açoita aquele momento. O periódico buscou abordar o caso de maneira favorável às telefonistas, levando em conta a opinião popular e os relatos das mulheres. Junto aos artigos secundários do impresso abordados nessa pesquisa, é possível refletir sobre a construção do discurso e o apoio às trabalhadoras, aumentando a credibilidade do movimento e auxiliando o decorrimento do fato. Compreendendo o jornalismo como um formador de opinião, sendo uma prática social ligada ao movimento histórico da chamada esfera pública (RUDIGER, 1993, p. 81), o papel do impresso dentro desta trama também se mostra valioso.

## 5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do material recolhido e das reflexões aferidas acerca da greve relatada, buscou-se compreender o movimento feminista dentro do contexto proposto – o início do século XX – e se efetivamente a greve das telefonistas foi concebida como um movimento deste caráter a partir dos discursos do *Commercio do Jahu*. Os artigos relacionados ao feminismo e ao movimento sufragista que despontavam naquele período e começavam a ganhar espaço nos meios de comunicação, bem como o referencial bibliográfico utilizado como sustentáculo desta pesquisa, assinalam forte relação entre as primeiras reivindicações trabalhistas das mulheres e suas conquistas sociais e a ideologia feminista que eclodia naquela fase.

Sobre as telefonistas em si, é perceptível o apoio popular e da própria imprensa. Levando em conta a imigração massiva de europeus que chegavam constantemente à cidade para incorporar a classe trabalhadora – trazendo consigo os princípios ideológicos de suas terras natais – e a participação gradativamente ativa das mulheres no espaço público, é pertinente considerar que parte do posicionamento favorável às telefonistas advém de construções sociais. Além da questão racial, onde essas imigrantes ocupavam cargos mais “valorizados”, como secretária, telefonista, atendente, etc., deixando ofícios como o de faxineira às mulheres negras e menos abastadas, percebe-se também uma aceitação ao movimento, não exclusivamente pelo cunho trabalhista, mas por ser composto por mulheres. Cabe a indagação de que tal empatia se deve à germinação de ideais feministas no país, acoplados às denúncias e movimentações no que diz respeito às condições precárias do operariado.

Entende-se também que as mulheres integravam o público leitor do *Commercio do Jahu*, com base na análise das propagandas localizadas nas mesmas páginas dos artigos sobre a greve das telefonistas. Parte da publicidade é direcionada às mães, anunciando produtos relativos à saúde das crianças, bem como divulgações de pediatras e parteiros. Algumas sessões presentes no jornal eram dedicadas ao público feminino, com temáticas que circundavam o cotidiano da mulher nas primeiras décadas do último século. Diante disso, é cabível deduzir que havia interesse da figura feminina em movimentos que ascendiam naquele período.

Contudo, graças aos periódicos examinados ao decorrer desta pesquisa, foi plausível a realização dos debates e reflexões aqui descritos acerca das transições e inovações que envolviam o meio urbano naquele momento – tanto a nível nacional como local – assim como a figura e o papel da mulher diante da sociedade naquele tempo. Ademais, o presente trabalho teve a função de trazer a fonte periódica como um documento relevante e portador de discursos e informações inestimáveis.

## FONTES

**Comercio do Jahu**, Jaú, 01 jun. 1925 – 31 dez. 1925. Arquivo Histórico do Museu Municipal de Jaú.

**Comércio do Jaú**, Jaú, 05 mai. 2019. Arquivo Histórico do Museu Municipal de Jaú.

## REFERÊNCIAS

CARLOMAGNO, Márcio C.; ROCHA, Leonardo Caetano da. COMO CRIAR E CLASSIFICAR CATEGORIAS PARA FAZER ANÁLISE DE CONTEÚDO: UMA QUESTÃO METODOLÓGICA. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, [s. l.], 2016.

CHAVES, Hamilton. **Dos farrapos à Urna Eletrônica**: tramas e alianças na política jauense. [S. l.]: VHK Editora, 2006.

Coelho, Leila Machado; & Baptista, Marisa. A História da Inserção Política da Mulher no Brasil: uma trajetória do espaço privado ao público. *Psicologia Política*, 9(17), 85-99, 2009.

COHEN, Ilka Stern. **Diversificação e Segmentação dos Impressos**. In: MARTINS, Ana Luíza; LUCA, Tania Regina de. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013. p. 103-130.

ELEUTÉRIO, M. L. . **Imprensa a serviço do progresso**. In: Martins, Ana Luíza; Luca, Tania Regina de. (Org.). História da Imprensa no Brasil. 1ed.São Paulo: Contexto, 2008, v. , p. 83-102.

FRACCARO, Glaucia Cristina Candian. **OS DIREITOS DAS MULHERES – ORGANIZAÇÃO SOCIAL E LEGISLAÇÃO TRABALHISTA NO ENTREGUERRAS BRASILEIRO (1917-1937)**. Campinas, SP: [s. n.], 2016.

GIANNOTTI, Vito. **História das lutas dos trabalhadores no Brasil**. Rio de Janeiro, MAUAD Editora, 2007.

GIULANI, Paola Cappellin. **OS MOVIMENTOS DE TRABALHADORAS E A SOCIEDADE BRASILEIRA**. In: HISTÓRIA das Mulheres no Brasil. [S. l.: s. n.], 1997. p. 674-703.

HAHNER, June E. **A Mulher no Brasil**. [S. l.]: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A, 1976.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: FONTES Históricas. [S. l.: s. n.], 2008. p. 111-142.

NEVES, Margarida de Souza. **Os cenários da república. O Brasil na virada do século XIX para o século XX.** In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves e FERREIRA, Jorge Luís (Orgs.). *Brasil Republicano: Estado, sociedade civil e cultura política. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930.* 1a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2003, v. 4. P. 14 a 44

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. A Europa invade o sertão: o impacto da chegada de imigrantes italianos na cidade de Jaú (1853-1914). **OpenEdition Journals Caravelle.** p. 57-75, 2021.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch de. **Faces da dominação da terra: Jaú 1890/1910.** São Paulo. UNESP/FAPESP, 1999.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República.** São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990. 208p.

PATTO, Maria Helena Souza. **Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres.** *Estudos avançados*, 13 (35), 1999.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** 3ª ed. Contexto, São Paulo, 2018.

RAGO, Margareth. Relações de gênero e classe operária no Brasil, 1890-1930. **Caderno Espaço Feminino**, vol. 1, n. 1, 1994.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade.** In: HISTÓRIA das Mulheres no Brasil. [S. l.: s. n.], 1997. p. 578-606.

RODRIGUES, Marta de Souza. SILVA, Artur Alves da. A emancipação da mulher na imprensa feminista nos primeiros anos da República no Brasil. **Humanidades Em diálogo**, 6, 209-224, 2014.

RUDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo.** Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1ª edição, 1993.

SCHMIDT, Benito Bisso. Companheiras!: as mulheres e o movimento operário brasileiro (1889-1930). XIII Coloquio de Historia Canario-Americana. **VIII Congreso Internacional de Historia de América (AEA)**, [s. l.], 1 jan. 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia.** 1ª ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. **O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso.** In: HISTÓRIA da Vida Privada no Brasil. [S. l.: s. n.], 1998. p. 7-48.

SILVA, Thiago Rodrigo da. **História do Brasil republicano.** Indaial: UNIASSELVI, 2015.

SIQUEIRA, Beatriz Colabone; BOARINI, Maria Lucia. A “Natureza Feminina” na Ótica dos Médicos, Operários e Literatos no Início do Século XX. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 18, n. 3, p. 1000-1019, Rio de Janeiro, 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. [S. l.: s. n.], 1998.

SOUZA, Claudia Moraes de.; MACHADO, Ana Claudia. **MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**. Edições Loyola, São Paulo, 1997.

SOUZA, Viviane Raquel Denadai. **História e tradição**. 2011. 1 DVD. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2011.

TEIXEIRA, Sebastião. **O Jahu em 1900**. O Correio do Jahu, Jaú, 1900.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do Feminismo no Brasil**. [S.l.: s. n.], 1993.

VASCONCELOS, Larissa Meira de; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charlton José dos Santos. Educação, gênero e higienismo nos anúncios publicitários da Paraíba durante a Primeira República. **Cadernos de História da Educação**, v.16, n.2, p.451-473, mai.-ago. 2017.

VENANCIO, Giselle Martins. LUGAR DE MULHER É... NA FÁBRICA; ESTADO E TRABALHO FEMININO NO BRASIL (1910-1934). **História: Questões & Debates**. Editora UFPR. n. 34, p. 175-200, Curitiba, 2001.

ZICMAN, Renée Barata. **HISTÓRIA ATRAVÉS DA IMPRENSA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS**. v. 4 *In*: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA: CONTRIBUIÇÕES E DEBATES. Jan./dez. 1985.

**CARTA DE DISPENSA DE APRESENTAÇÃO AO CEP OU CEUA**

À

**COORDENADORIA DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA USC**

Informo que não é necessária a submissão do projeto de pesquisa intitulado "Imprensa Local e Movimento Feminista: A Greve das Telefonistas no Jornal *Comercio do Jahu* (1925)", ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) ou à Comissão de Ética no Uso de Animais (CEUA) devido ser uma pesquisa que utilizará acervo disponível e público no acervo do Arquivo Histórico do Museu Municipal de Jaú

Atenciosamente,



Nome do Docente

Bauru, 20/03/2020